


# UNIBRASIL

## ACADEMIA





Concebido com dois objetivos: o geral, convidar pessoas vitoriosas na vida pessoal e profissional para ministrar palestras, relatando suas carreiras e trajetórias; o específico, de acréscimo da motivação dos alunos aos estudos, mediante conhecimento dos exemplos positivos desses palestrantes.

# Considerações sobre os “school shooters” ou “atiradores em escolas”

O atentado recente a uma escola brasileira provocou inúmeras especulações, ações, hipóteses e propostas na sociedade, por meio das redes sociais em geral. A mídia tenta estabelecer um estereótipo para o autor deste crime. São homens? Brancos? Adolescentes? Estudos de Langman indicam que a maioria são de homens (ele encontrou apenas três mulheres em uma amostra de 64 casos). Metade deles eram brancos, porém várias outras etnias estavam presentes na amostra. A idade variou de 11 a 62, com metade de adolescentes. Os colegas os identificaram como não pertencentes a grupos e que tinham uma aparência normal. Alguns mostraram interesse em violência e fantasiaram previamente sobre vingança e assassinatos em massa.

Correntes da criminologia e da psicologia do crime buscam modelos explicativos para comportamentos criminosos, entretanto não há unanimidade entre eles. Pontos comuns aos modelos mais aceitos apontam para a multideterminação biopsicossocial, nos quais as pessoas não podem ser compreendidas além dos contextos nos quais se encontram, incluindo o histórico individual e o cultural. Entretanto os estudiosos concordam que não há uma linearidade causal entre um fator isolado e o comportamento criminoso. Ao longo de 50 anos de pesquisas internacionais é possível estimar que 95% dos “atiradores de escola” são do sexo masculino e 55% são brancos. Nos últimos 25 anos aumentaram o número de perpetradores com menos de 16 anos.

Não há uma única resposta quanto às motivações. As motivações para o crime são muitas, variam de atos de vingança contra administradores e professores que os disciplinaram, meninas que os rejeitaram, percepção de injustiça, desejar fama, até ataques aleatórios. Pessoas diferentes cometem diferentes

## AUTORAS

*Paula Inez Cunha Gomide - Coordenadora do PPGD em Psicologia e docente do Programa de Pós Graduação em Psicologia Forense da Universidade Tuiuti do Paraná, mestre e doutora em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo. Presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia.*

*Giovana Munhoz da Rocha - Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Forense da UTP. Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência pela UFPR, doutorado em Psicologia Clínica na USP. Foi Conselheira eleita da Sociedade Brasileira de Psicologia, é Presidente da Associação Brasileira de Ciências do Comportamento (ABPMC).*

tipos de ataques por diversas razões. Erroneamente divulga-se que os alvos dos ataques são pessoas outrora agressoras dos perpetradores. Não é uma regra. Há ataques dirigidos e aleatórios. Quando dirigidos, frequentemente visam professoras, coordenadoras, diretores e funcionárias. Os ataques são dirigidos em grande parte às mulheres. Meninas que rejeitaram romanticamente ou que, aparentemente, são mais bem-sucedidas que o perpetrador em algum aspecto também têm maiores chances de se tornarem alvos. Ou seja, alvos específicos tendem a estar relacionados a retaliações frente a uma injustiça percebida, e não, necessariamente, que tenham ocorrido. Ou seja, os perpetradores podem julgar-se prejudicados por uma suspensão ou nota baixa.

Nos ataques aleatórios pode existir um pensamento sobre o mundo ou a sociedade ser injusta. Há ainda motivação por fama, poder, inveja e delírios paranoides ou outros transtornos psiquiátricos severos. São relatados episódios de alucinações paranoides anteriormente aos ataques em alguns casos. Ou seja, ainda há muito a ser estudado para que uma tipologia deste autor de crime violento seja estabelecida. Além da tentativa em se estabelecer uma tipologia para o autor do atentado, a sociedade clama para soluções. As propostas de soluções vêm de todos os lados. Políticos tentam estabelecer novas leis, governos propõe aumentar a segurança e a mídia e redes sociais apontam soluções que variam, desde ações individuais (os pais devem revistar as mochilas dos filhos antes de irem para escola) às ligadas aos aparatos de segurança, tais como aumentar policiais nas escolas, câmeras de vigilância, revistas no material escolar, entre outras. Estudiosos identificam uma correlação entre indivíduos que executam os ataques e bullying escolar. Evidentemente, ser vítima ou autor de bullying escolar, não

é uma prerrogativa deste século. Sempre houve “brincadeiras maldosas” entre crianças e adolescentes nas escolas. Apelidos, “trotos” até maus tratos faziam parte do cotidiano escolar. Estima-se que cerca de 30% dos escolares estão envolvidos em situações de bullying, como agressores e/ou vítimas (Gomide, et al., 2022). Embora seja possível identificar alguma relação entre bullying e o fenômeno de massacres em escolas, é preciso compreender que existem fatores importantes relacionados à vitimização por bullying. Dentre eles estão abusos físicos em casa, abuso sexual, rejeição romântica, dificuldades acadêmicas, punições disciplinares e problemas de saúde mental. Sendo assim, é possível inferir que estas variáveis também poderão estar associadas à perpetração de ataques.

Porém, os efeitos de bullying, infelizmente, não eram estudados no passado. Estudos atuais indicam várias consequências entre as vítimas de bullying. Estas crianças e jovens frequentemente exibem sintomas somáticos que incluem dor de cabeça e de estômago, insônia, depressão, ansiedade, tentativas de suicídio, e carregam armas para sua proteção (Reuter-Rice, 2008). Evidentemente, são estados emocionais graves, não se pode negar. No entanto, a causalidade com os ataques escolares ainda são colocados em dúvida por alguns pesquisadores.

Peter Langman, eminente pesquisador do tema, não considera o bullying causador dos ataques escolares. Não nega que muitos autores dos ataques sofreram bullying, porém, argumenta que os estudos ainda são escassos para estabelecer uma relação causal entre os dois fenômenos. Ou seja, o fato de autores dos ataques escolares terem sofrido bullying no seu cotidiano escolar não justifica o ataque escolar. Outras variáveis devem ser consideradas, segundo o autor.

Langman (2022) identificou três padrões predominantes de perpetradores de ataques: aqueles com indicadores de psicopatia, os psicóticos e os severamente traumatizados. É possível que dois padrões coexistam, entretanto não foram identificados os três ao mesmo tempo. Os “psicopatas” podem ser narcisistas, sedutores e discretos ou agressivos. Não apresentam empatia, culpa e remorso, e podem ser movidos por um impulso de crueldade. Os psicóticos podem ser orientados por missões ou delírios. Os gravemente traumatizados, usualmente vêm de famílias severamente disfuncionais, nas quais é presente o abuso de substâncias, violência doméstica, abuso físico, sexual ou ambos. Mas é importante frisar que grande parte de pessoas psicóticas, traumatizadas e até psicopatas não matam.

Atiradores traumatizados causaram menor número de mortes por ataque e cometeram suicídio com menor frequência do que os psicopatas e psicóticos; por outro lado, foram os mais agredidos e, mais frequentemente, fizeram vítimas não aleatórias, e obtiveram o apoio de pares. Psicóticos tiveram a maior taxa de suicídio e causaram o maior número

de mortes. Atiradores psicopatas eram os que menos sofreram bullying e agressões dentre os três tipos, e, frequentemente, cometeram ataques atípicos, incluindo o ato de matar - ou tentar matar - à distância.

Outro estereótipo a ser desfeito é do “menino solitário”. Certamente há aqueles isolados socialmente, mas em geral possuem amigos e não se sentem socialmente bem-sucedidos. Desta forma, ainda que pouco populares, podem ser socialmente ativos, ter amigos e até namorar. Sobre serem suicidas, não há evidências robustas. Sabe-se que 50% se matam durante os ataques, mas é impossível determinar, em todos os casos, se o suicídio está relacionado à impossibilidade de escapar, se planejaram a própria morte ou se foram mortos.

Os ataques em geral são menos impulsivos e mais planejados, passando por períodos consideráveis de planejamento. Entretanto, em vários casos foram identificados “gatilhos”, tais como rejeição romântica, frustração, depressão e desesperança, fracasso acadêmico, ações disciplinares da escola e conflitos entre pares (mas nenhum desses isoladamente se constitui como



causa). Parece existir um encadeamento entre fracasso, vergonha, humilhação e violência, o que pode ser compreendido como um sentimento de inadequação e inferioridade.

Em resumo, não há um único perfil. É arriscado reduzir os sinais de alerta aos estereótipos, embora devamos estar alertas a sinais, especialmente comentários em mensagens ou conversas, anúncios públicos, vídeos, registros em diários e redes sociais, registros em trabalhos e provas, observados diretamente ou relatados por outros. Os conteúdos podem ser ameaças, planos, avisos, expressão de admiração por outros perpetradores de ataques e até recrutamento.

Se vários estudiosos do chamado “school shooters” ou atiradores em escolas, como Karin Reuter-Rice (2008) apontam para a associação entre ser vítima e/ou agressor de bullying e atacar colegas, professores e funcionários em escola, é interessante que se busquem programas de redução de bullying escolar, que poderão, mesmo que indiretamente, atuar para minimizar ataques escolares. Estes programas são úteis não só para reduzir o bullying como para identificar os chamados bullies, indivíduos que cometem as

agressões, como também identificam as vítimas e o papel das testemunhas, durante episódios de bullying. Gomide et al., (2022) avaliaram um programa antibullying baseado no ensino de comportamento moral e observaram redução de comportamentos de bullying em alunos agressores e em testemunhas, além de redução de vitimização.

Esforços precisam ser empreendidos sobre a compreensão dos perpetradores de ataques em escolas. Um passo importante é reconhecer este fenômeno como multifacetado, multideterminado, com uma significativa diversidade de perpetradores e meios de ação.

Apontar culpados, tais como: insuficiente fiscalização dos pais, precária segurança nas escolas e leis impróprias são ações que discutem as agressões, mas não as resolvem. Não são embasadas em estudos científicos, e, portanto, com baixa possibilidade de solução do problema. Grupos de pesquisadores precisam se debruçar na identificação dos antecedentes, na história de vida, nos problemas emocionais e comportamentais dos atiradores, para que, este conjunto de informações apontem os caminhos de intervenção e prevenção ao problema.

---

## REFERÊNCIAS

- Gomide, P. I. C., Barros, F., & Zibetti, M.R. (2022). Reduction of School Bullying Through Moral Behavior Training. *Trends in Psychology* <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00207-1>
- Langman, P. (2022). *School shooters: understanding high school, college, and adult perpetrators*. Rowman & Littlefield Publishers.
- Reuter-Rice, K. (2008). Male Adolescent Bullying and the School Shooter *JOSN*, Vol. 24 No. 6, December, 350-359. DOI: 10.1177/1059840508324577